

M. MANUELA DE MENDONÇA

# Cursar Medicina nos Anos 50

História • Memórias • Imagens



MinervaCoimbra

## PREFÁCIO

“De estudante de livros debaixo do braço a médica” ou as memórias de uma aprendiz de medicina nos anos 1950

Quando, no ano de 2009, tive o grato privilégio de prefaciá-lo livro de M. Manuela Mendonça, *Nascer nos Anos Trinta. Memórias e imagens de um quotidiano* (Coimbra, Ediliber, 2009), finalizei o meu texto prevendo a publicação de outras obras memorialistas, dado o passado se configurar, para a autora, como um espaço infinito. Não me equivoquei.

O livro agora publicado, com a chancela da MinervaCoimbra, dá continuidade à sua genealogia biográfica e aos fundamentos das suas raízes identitárias. A menina de olhar atento e curioso para o mundo dá lugar à jovem universitária que leva dentro de si ensinamentos que jamais esqueceu, entre os quais, um humanismo abrangente, os princípios de uma ética deontológica que carreará para a sua futura vida profissional e a paixão pela escrita, o “ombro amigo” com quem desabafa, nos bons e nos maus momentos, deixando registado, nos seus “cadernos de linhas”, informações de grande valia em termos históricos e relativas a várias áreas do conhecimento, tanto interessando à história da educação e da medicina como à história da vida privada e quotidiana. A esses motivos, mais que suficientes, associa-se a mestria no agarrar das situações e de as transcrever, de uma forma despreziosa e fluida, tornando este livro de agradável e aprazível leitura. Como, aliás, devem ser os livros de memórias...

“Matriculei-me na Faculdade de Medicina de Lisboa no ano lectivo de 1950/51”: assim começa a narrativa dessa “viagem” pelos seus tempos de estudante universitária e pelos inícios da atividade profissional ou, de acordo com as suas próprias palavras, a passagem da “estudante de livros debaixo do braço a médica”.

Anos difíceis, sobretudo os primeiros, “tão desagradáveis” que lhe deixaram um sabor amargo, tolhendo-lhe o ensejo de a eles *regressar*, pela via da escrita, durante anos a fio. Porém, sabedora de que nada é mais insuportável do que as memórias que se querem esquecer, estoicamente recuperou-as da gaveta das coisas perdidas e avançou para a revisitação desses tempos que lhe talharam o conhecimento e a moldaram como ser humano.

M. Manuela Mendonça inicia o seu percurso universitário em pleno “anos de chumbo”, no momento em que o Estado Novo, no rescaldo da 2ª Grande Guerra e no quadro de uma lenta modernização, reclama o controlo da vida política interna. O país retoma a “normalidade”, cara ao regime, ainda que sob a aparente tranquilidade se desenhem vulnerabilidades do sistema económico, tensões internas e sensíveis mudanças na realidade política nacional, com reflexos na vida universitária. Ao tempo do seu ingresso, a universidade de Lisboa tinha uma população académica avaliada em cerca de cinco mil estudantes, não chegando as alunas a atingirem um milhar<sup>1</sup>. O ensino da medicina fora reestruturado, no ano de 1948, tendo-se inflacionado, entre outros aspectos, o número de exames, relativamente à reforma curricular anterior, de 1930, assim se compreendendo o omnipresente “fantasma dos exames”, na expressão da autora, ao longo de todo o seu percurso académico. As aulas eram lecionadas na antiga Escola Médico-Cirúrgica, rebatizada de Faculdade de Medicina pela reforma republicana de 1911, sita ao Campo de Santana, decorrendo, sobretudo no Hospital de Santa Marta, designado Hospital Escolar, e nos Institutos vizinhos (Gama Pinto, Câmara Pestana...).

Quando se matriculou, o Hospital de Santa Maria estava em fase final de construção, tendo sido oficialmente inaugurado em 1953<sup>2</sup>. A partir desse ano, a maioria das aulas passariam a ser

<sup>1</sup> António Nóvoa, “Ensino Superior” in *Dicionário de História do Estado Novo*, vol. I, Direção Fernando Rosas; J. M. Brandão de Brito, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, p. 305.

<sup>2</sup> Manuel Valente Alves, *A Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Um olhar sobre a sua história*, Lisboa, Gradiva, 2011, p. 131-133.

ministradas no novel estabelecimento, não obstante as falhas de um edifício acabado de estrear: elevadores inativos, ausência de informações, entre outros aspetos. Essas dificuldades permitirão à autora, numa linguagem cinematográfica e cheia de graça, narrar os expedientes de que se socorria para encontrar as salas de aula, orientando-se com bússola no labirinto dos corredores.

É este o pano de fundo e o cenário principal do livro que nos reconstitui, através de um testemunho pessoal, as grandes linhas do ensino da medicina na Universidade de Lisboa, a sua realidade institucional, os currículos escolares e os conteúdos científicos das cadeiras, as etapas duríssimas do acesso à carreira médica, o "estudo louco" para os concursos do internato dos Hospitais Civis de Lisboa, a convivência entre colegas, assuntos que são sabiamente entretecidos com *flashes* do quotidiano familiar e pessoal.

São múltiplos os aspetos evocados pela autora: os docentes que, positiva ou negativamente, marcaram a sua formação académica, detendo-se nas suas capacidades (ou incapacidades) pedagógicas, descrevendo os métodos de ensino, os equipamentos laboratoriais ou as condições das salas de aula, algumas "terríveis", na sua opinião, como o Teatro Anatómico que lhe causava uma profunda "repulsa". Numa universidade severamente controlada pelo regime político, lembra o medo causado pela PIDE, vigiando professores e alunos, minando, indiretamente, relações de companheirismo.

Surpreende pelos pormenores que capta e pela facilidade com que recria ambientes e situações: o *cadeirão* de Anatomia; a festa da Bênção das Pastas na Catedral de Lisboa, o sedutor fascínio das aulas de Barahona Fernandes (1907-1992), o psiquiatra-filósofo; as corridas para assistir às lições de Delfim Santos (1907-1966) na Faculdade de Letras; o encontro com a psiquiatria infantil por via do conhecimento de João dos Santos. Com incontida alegria, relembra o encantamento iniciático à arte de *aprender a ler no doente* que concretizará, mais tarde, após a licenciatura, na sua prática clínica nos Hospitais Civis de Lisboa, no consultório, no Hospital Júlio de Matos. Tempos felizes esses que lhe transmitiram a visão multidimensional da saúde, da doença, do sofrimento, mas, acima de tudo, a importância do

humanismo e da generosidade na relação entre o médico e o doente, qualidades nos dias de hoje tão secundarizadas face a sofisticadas tecnologias.

A sua memória distende-se e ganha fulgor quando evoca as redes de sociabilidade criadas pelo convívio universitário, os colegas e as cumplicidades tecidas para o resto da vida. A amizade é uma virtude privada que a autora orgulhosamente confessa no espaço público do livro. Com proximidade, reconstitui os piqueniques à sombra das árvores; as idas ao cinema; as trocas de correspondência; os passeios pela Baixa de Lisboa, para ver montras, carteiras e fazendas; os jogos de cartas ou do prego na praia; os bailes; as inclinações...

A narrativa do seu quotidiano converte-se em coletiva, semelhante à de tantas outras jovens da geração dos anos cinquenta, quando lembra, sobretudo pela voz do seu pai, a moral rígida e profundamente conservadora do tempo, no que respeita aos valores e às representações da sexualidade e dos afetos, enquadrando as relações entre rapazes e raparigas, a quem se atribuíam papéis profundamente assimétricos. “Cuidadinho”, “juízo”, “não andar sozinha com um rapaz senão sairia imediatamente da Faculdade”, as advertências repressivas do seu pai “conseguiram transformar – como confessa – os melhores anos duma vida – os da juventude – num martírio”. Porém, ajudaram a converter o estudo e a vontade de saber no seu *jardim secreto*, impelindo-a para a frente.

Um livro aliciante a ler. A história é feita de acumulação de memórias como esta, singulares, íntimas, pessoais, enquanto peças de um poliédrico mosaico, de muitas cores, que ajudam a construir uma memória coletiva. E convida-nos, mentalmente, a regressar aos bancos dos anfiteatros universitários e aos tempos de juventude...

Coimbra, 1 de Janeiro de 2017

*Irene Vaquinhas*

Doutorada em História Moderna e Contemporânea

Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra